

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

ALCINDO DIAS PEREIRA

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia MINERVA VIMARANENSE: Rua 31 de Janeiro — GUIMARÃES

Dr. Magalhães Lima

A República está de luto. O infatigável Apóstolo da Democracia, o amigo carinhoso do Povo, cuja alma simples o encantava e seduzia, o grande obreiro do Bem e da Verdade, a que dedicava religioso culto, o português ilustre que fervorosamente adorava a sua querida Pátria, morreu.

O Dr. Magalhães Lima, o estrénuo defensor dos humildes, o heróico lutador pela Liberdade e pela Justiça, que pela sua inteligência fulgurante, pelo seu talento sublime, pelo seu alevantado civismo, pela altivez e austeridade do seu nobre carácter soube conquistar um lugar de relêvo e criar um nome que se impõe na imprensa, no fóro, na tribuna, em Portugal e no Estrangeiro, deixa a nossa alma envolta em veemente dôr.

O destino que não perdôa rouba à Pátria um dos mais ilustres filhos.

A República perde em Magalhães Lima um dos seus mais ardentes defensores, um dos seus mais valorosos Marechais.

A Democracia e a Liberdade receberam um golpe incurável. Os pobres e os humildes choram justamente o seu desvelado protector.

A alma sempre generosa, sempre afectiva do povo português perdeu o seu grande guia, a sua scintilante estrêla.

A morte do Dr. Magalhães Lima de cujo vigor intelectual, de cujo fulgor de talento e prodigiosas faculdades de trabalho e acção tanto havia ainda a esperar para prestígio e engrandecimento da Pátria e da República abre uma lacuna que nunca mais poderá preencher-se.

O Dr. Magalhães Lima era Alguém, de nobre superioridade em todo o mundo culto. Assim o reconheceram as centenas de milhares de portugueses que, cheios de dôr, os olhos rasos de lágrimas, foram prestar a sua derradeira homenagem junto desse cadáver gelado onde pulsou a maior energia, o mais belo modelo de virtudes, de civismo, de abnegação, de amor, de liberdade e igualdade.

Magalhães Lima já não é do número dos vivos, mas a sua memória será sagrada para todos nós e em cada alma portuguesa êle terá um altar de fervoroso culto.

E, ao espalhar dolentes saudades sobre o seu túmulo, que nos sirvam de ensinamento os seus nobres exemplos, as suas generosas palavras onde só o bem pôde encontrar acolhimento.

Tenhamos sempre na nossa memória, como mandamentos sagrados de uma religião sublime estas admiráveis frases do seu testamento:

Que professei, toda a minha vida, o ideal republicano-socialista e livre-pensador, à defesa do qual me consagrei desde os bancos das escolas. Por êle sofri calúnias de adversários e ofensas e malquerenças dos próprios correligionários. Tudo isto, porém, esqueço e perdôo, assim como perdôo e esqueço todos os agravos e todas as injúrias de que por vezes fui vítima. Odiado pela reacção clerical e perseguido pelos inimigos seculares da Maçonaria, tendo suportado o exílio e, mais do que uma vez, a prisão, nas condições mais afrontosas, por amor dos meus princípios e das liberdades que amei apaixonadamente, segui o meu caminho em linha recta, sem tibiezas nem desfalecimentos. De nada tenho que me arrepender. Cumpri o meu dever. Procurei ser coerente e consequente em todos os actos da minha vida, visando sempre o mesmo objectivo supremo de manter íntegra a minha unidade moral. Nunca nutri vaidades ou ambições de qualquer espécie nem alimentei invejas de quem quer que fôsse.

No aplauso da própria consciência encontrei forte compensação de todos os esforços, a todas as perseguições e desilusões sofridas.

Morro com a convicção de nunca ter praticado o mal e de haver espalhado todo o bem que pude. Os cargos e as honrarias, assim como a lisonja e as ovações, nunca lograram embriagar-me ou toldar o meu entendimento. Direi mesmo que nunca me deslumbraram.

Foi na convivência dos homens e no conhecimento das coisas que aprendi a ser bom e tolerante. Democrata por temperamento e feitio, seduziu-me sempre a simplicidade e encantou-me a modéstia. São as duas grandes virtudes duma verdadeira democracia. No amor do povo me eduquei e fortaleci. Nêle, e só nêle, encontrei o civismo, o

Eles o dizem...

O sr. Paiva Couceiro declarou, numa entrevista ao «Diário de Lisboa» — «que a Causa Monárquica nem sequer tem um programa...». E' a confirmação do que nós, os republicanos, temos dito repetidas vezes; êles não lutam pela defesa dum programa nem de coisa parecida, mas sim pela defesa do seu **arranjismo** — vá lá o termo. Quem, em casos semelhantes, não tem um programa ao que pretenda dar execução? o que pretende? Evidentemente que somente pretende a desorganização, a confusão, o assalto aos Cofres do Estado, a consumação da vingança, da execução, etc., etc. Será possível conseguir-se o progresso dum país sem ter como base um programa profundamente estudado e que seja honesta e sãbiamente executado?

Dizem os entendidos que não. Portanto, os adeptos da **causa morta**, os mesmos que não têm um programa, não se preocupam com a prosperidade da Nação, mas sim com o seu **comodismo** e **predomínio**; e uma vez neste completo **à vontade** nós teríamos dentro de curto prazo, a Pátria precipitada no abismo, tal a ganância de alguns destes famigerados. Dizemos alguns porque é a **alguns** que são dirigidas estas palavras, aqueles que desde a implantação da República se armaram em vendilhões da própria Pátria! Outros há, que não nos merecem este conceito, aqueles que, embora fieis aos seus princípios, não hostilizam a República. São êstes os que são dignos do nosso respeito, porque, sendo certo que a República não pode contar com eles, não andam todavia, pelas **encruzilhadas** da traição e da cobardia.

E' o caso do trigo e do joio, separados um do outro...

Deve notar-se bem, e duma vez para sempre, que não combatemos a questão de princípios, mas sim a falta de carácter, de dignidade e de lealdade.

Não nos repugnam os homens sob o ponto de vista do ideal que defendem, seja qual fôr, quando êsse ideal é, como a própria palavra o significa, — a reunião de todas as perfeições e a mais viva e perfeita aspiração. Repugnamos única e simplesmente os **falsos** defensores de qualquer ideal, neste caso os **pseudos-monárquicos**, os homens das **aventuras**, os que querem uma monarquia sem programa e tudo mais que lhes der na **gana**....

Pois descansai, cobardes, que a hora que desejais — a de **fartar vilanagem!** — não chegará.

espírito de sacrificio que devem caracterizar os leais servidores da Pátria.

Se na hora final da nossa existência as pudermos pronunciar com a mesma sinceridade, com a mesma altivez, com a mesma consciência com que as escreveu o grande democrata teremos prestado a melhor homenagem à memória do Dr. Magalhães Lima.

O Conquistador

E' amarelo o riso do colega na resposta ao meu artigo. Vê-se mesmo que **embuchou** e que tem um certo receio ao meu latim. Ele lá sabe as razões: calculava que, entre «jacobinos» não houvesse quem lhe decifrasse os seus latinórios, **latrinários**, e inconfessáveis inígnias!

Manifesta o enfezado plumitivo que não é **padre**. Duvido da sua afirmativa, visto que a sua linguagem trescala a fétido ripanso; mas, padre que seja, é bom não voltar a pizar-me, porque êste **bisturi** se transformará em instrumento mais perfurante, e até, — quem sabe?, — serei capaz de os constituir eternos cabeças-de-turco para magistrais estucados, que não mais deixarei de vibrar-lhe neste jornal...

Vai-lhes propício o tempo para que se saiam e nos **ladrem**, e os conflitos religiosos vão tomando certo vulto; todavia, eu disponho da competência necessária e do bastante ardor combatório para **corrê-los**, lançando mão da fôlha volante, se tal fôr preciso para o seu **constrangimento**.

Aconselho-lhes sejam prudentes porque a justiça do povo nem sempre lhes é affecta e lembre se que o resultado da sindicância, aos tumultos contra o anacrónico arcebispo, constatou **que toda a cidade de Braga lhe foi adversa, devendo ser condecorado quem contribuiu para que êle escapasse à morte**.

Veja-se do que ia, infelizmente, sendo capaz a prelatícia imprudência!!!!

Gosto da paz no lar e na rua, tanto para mim como para os outros... Mas, uma vez que injustamente me tomem de rixa, não devo ficar-me e, com a pena, vou muito longe, não podendo prever as consequências que todos lamentaríamos!

Eu vim à estacada para desviar agressões jornalísticas e pulverizar maus preconceitos.

Julgo-me na boa doutrina e como tal logicamente me sustento. Exigo, pois, lealdade e boa educação, até aqueles que, não tendo ciência, precisam de ter alguma coisa que os recomende.

Se o quizerem, responderei com mais vagar.

Até quando??

BISTURI.

D. Lucinda Rocha

Mais um profundo golpe veio ferir o atribulado coração do nosso querido amigo sr. Dr. Mariano Felgueiras, digníssimo Presidente da Comissão Municipal do P. R. P. deste concelho, pelo falecimento de sua Ex.^{ma} tia, D. Lucinda Rocha, ocorrido no dia 27 do mez passado.

A Sua Ex.^a o nosso pesar mais sentido lhe sirva de lenitivo a tão cruciante dôr.

Os funerais da inditosa Senhora estiveram concorridíssimos, tendo tomado parte neles pessoas de todas as categorias sociais da nossa terra, prestando assim a última homenagem à memória da saudosa extinta.

O feretro foi conduzido na carreta da Câmara Municipal, puchado a duas parelhas, com o acompanhamento de uma longa fila de automóveis que até ao cemitério conduziu as pessoas que piedosamente se associaram a tão sentida manifestação de saudade.

Conduziram bouquetes de flores naturais os Snrs.: Agostinho F. da Rocha, Agostinho M. da Rocha, João da Cunha Monteiro Junior, Miguel Ribeiro Guimarães, Ernesto Pereira da Silva, Francisco P. Silvério e Joaquim da Silva Leite.

Foram organizados os seguintes turnos, para seguir em as borlas: De casa à carreta: António de Jesus Teixeira, Bernardino Jordão, Dr. Alfredo, Fernandes e António Francisco Ferreira de Castro. No cemitério: 1.º — Major José Marcelino Barreira, Tenente Albano José da Cruz, Capitão H. de Sousa Guerra e Alferes Hezculano Guerreiro; 2.º — Dr. Maximino de Matos, Dr. Alfredo Pinto de Sousa e Castro, Manuel de Sousa Guimarães e Alcindo Dias Pereira; 3.º — Jacinto da Silva Guimarães, Francisco Gonçalves da Cunha, Mário Pinto Leite e Francisco Gonçalves Guimarães; 4.º — Dr. João d'Oliveira Bastos, Capitão Malaquias Guedes, Capitão Silvestre Barreira e Capitão Manuel H. de Faria; 5.º — Augusto Pinto Lisboa, José Jacinto Junior, Francisco J. Lopes Correia e Augusto Mendes; 6.º — Tenente António Cunhal, Alberto T. Carneiro, Manuel Ferreira Guimarães e Vitorino Simões L. Sampaio; 7.º — Francisco de Sousa Machado, Domingos Freiria, Capitão Júlio P. Machado e António Ribeiro Venancio.

O P. R. P. achava-se representado pelos nossos valorosos correligionários Dr. Alfredo Fernandes e Bernardino Jordão e o Centro Republicano de Guimarães, pelo seu presidente, o nosso prestante correligionário Sr. António Francisco Ferreira de Castro.

A' família enlutada o nosso cartão de pesames.

Para que conste

O velho jornalista Sr. Teotónio Gonçalves, da cidade de Braga, escreve-nos pedindo com o maior interesse a publicação da carta que a propósito das infâmias contidas na correspondência das Taipas para os «Ecos de Guimarães», publicada em 20 de Outubro passado, escreveu ao nosso particular amigo Ex.^{mo} Sr. Dr. Alfredo Fernandes.

A referida correspondência cheia de calúnias e infâmias levou os «Ecos de Guimarães» ao tribunal, onde o célebre Alexandre Costa e Silva, correspondente nas Taipas para este jornal, foi declarado autor do artigo incriminado.

Para se furtar a responsabilidade criminal pela sua vilania pretendeu o Alexandre Costa e Silva atribuir a autoria ao Sr. Teotónio Gonçalves, que logo que conheceu a burla de que estava a ser vítima desvendou todo o trama, pondo a claro mais uma artimanha ignóbil do Costa e Silva. Eis a transcrição textual:

«Ex.^{mo} Sr. Dr. Alfredo Fernandes — Taipas.

A pedido do sr. Alexandre Costa e Silva, das Caldas das Taipas, escrevi em princípios de Outubro para os «Ecos de Guimarães» uma carta literária respeitante a essa localidade, verberando coisas e factos, apontando melhoramentos e criticando actos passados e presentes das Câmaras e dos que mandam nessa povoação.

De carácter literário não mordiscava na honra de ninguém, ainda que atacasse o carácter político de V. Ex.^a e de outros.

Soube mais tarde que essa carta tinha sido querelada; e eu, rindo-me, considerei de ridícula semelhante notícia, escrevendo nêsse sentido uma carta ao sr. Alexandre Costa e Silva, tomando a responsabilidade do que escrevi.

Acontece porém que fui ontem procurado pelo sr. Alexandre Costa e Silva a pedir-me para eu copiar a correspondência que os «Ecos de Guimarães» publicaram a 20 de Outubro, para o original ficar no arquivo da gazeta, e o meu espanto foi terrível quando verifiquei que a correspondência que vinha inserta nos «Ecos» não era a que eu escrevi mas sim uma caterva de infâmias e distlates contra V. Ex.^a, apodando-o de garôto e de outros actos que nem eram do meu conhecimento nem eu escrevi nem escreveria por princípio algum.

Escrevi é certo uma carta ao sr. Alexandre Costa e Silva, assumindo a responsabilidade da carta publicada nos «Ecos» na persuasão de que a carta publicada fôsse a que eu realmente lhe remeti (eu não leio os «Ecos») mas vejo que fui ludibriado mais uma vez por êle, o que me apressa a significar a V. Ex.^a como a todo o público de Guimarães para os devidos efeitos, esperando falar em juízo para desmanchar o réles truc.

E' certo também, aqui há dois anos, ter eu escrito vários artigos sobre várias coisas das Taipas, a pedido do mesmo Alexandre da Costa e Silva, e com informes por êle fornecidos, mas sempre dentro da boa ordem, sem atacar nem mordiscar na honra de ninguém.

A correspondência portanto que vem publicada nos «Ecos», e que eu, levado no conto do vigário, perfilhei, não a quero, não é minha.

Peço a V. Ex.^a que faça o uso que entender desta carta e a aciei-

te com o mais profundo respeito do que é

De V. Ex.^a
At.^o V.^o e Obj.^o

Braga, 25/11/928

a) Teotónio Gonçalves.»

Os nossos prezados leitores comentem e tirem desta carta as conclusões que entenderem.

EDITAL

Doutor Antonio Coelho da Mota Prego, Administrador do Concelho de Guimarães.

Faz publico que, para os devidos efeitos e para cumprimento do art. 8.^o do Decreto n.^o 8.364 de 25 de Agosto de 1922, a esta Secção Administrativa da Camra, baixou o edital da Circunscrição Industrial, que é do teor seguinte:

Eu, José dos Santos Salvador Viegas, Engenheiro-chefe da 1.^a Circunscrição Industrial.

Faço saber que Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães pretende licença para estabelecer uma Fabrica de Tecelagem na Avenida Miguel Bombarda freguesia de N. Senhora da Oliveira concelho de Guimarães, distrito de Braga, confrontando ao norte, com terreno do Requerente, nascente, com Avenida Miguel Bombarda e poente com terrenos do Requerente.

E como o referido estabelecimento industrial se acha compreendido na tabela anexa ao regulamento das industrias insalubres, incômodas, perigosas ou tóxicas, aprovado pelo decreto n.^o 8.364, de 25 de Agosto de 1922, sendo um estabelecimento de 2.^a classe com os inconvenientes: barulho, trepidações, perigo de incendio e fumos são, porisso e em conformidade com as disposições do mesmo decreto, convidadas todas as pessoas interessadas a apresentar, por estrito, na 1.^a Circunscrição Industrial, com sede em Porto, rua Sá da Bandeira n.^o 142-2.^o as suas reclamações contra a concessão da licença requerida, no prazo de 30 dias, contados da data da publicação deste edital, podendo na mesma Repartição ser examinados os desenhos e mais documentos juntos ao processo.

Porto e Secretaria da 1.^a Circunscrição Industrial, 26 de Novembro de 1928.

O Engenheiro-Chefe,

J. Salvador Viegas.

E' quanto se contem no referido edital.

Guimarães, Secção Administrativa, 14 de Dezembro de 1928.

E eu, José Fernandes Ribeiro Gomes, oficial da secretaria, o subscrevi.

O Administrador,

Antonio Coelho da Mota Prego.

Pelos pobres de Guardizela

Vox populi vox Dei!

O «Ecos», êsse farçante de cara estanhada e contas ao pescoço, que não serve a Deus nem ao Diabo e que passa a vida, por honra da *taboleta*, a meter-se onde não é chamado, caluniando, mentindo e deturpando a veracidade dos factos sem o mais pequeno vislumbre de brio, de honra e de dignidade nas suas afirmações, sai à estocada, no seu número de 17 do corrente, para defender o *Jesuita de Guardizela* dos crimes que justamente lhe tenho imputado. O que eu lastimo é que para se defender um individuo se lance mão de elementos mais condenatórios ainda.

Isso, com franqueza, não faz sentido e bem denota a baixa craveira intelectual de quem preside aos escritos da lamparina.

E dito isto, vou falar ao «Ecos» pela primeira e última vez. Já-mais perderei tempo com êste reles trapaceiro que, julgando desmascarar-me com o seu pomposo título «Defendendo a verdade», trambolhou desastrada e vergonhosamente comprometendo assim o seu venerando constituinte.

O *Jesuita de Guardizela*, com o requerimento que em Janeiro do corrente ano endereçou ao Ex.^{mo} Ministro pedindo a entrega do *passal* à Comissão do culto, prova, duma maneira bem clara, querer *prejudicar* os pobres da freguesia e baixa, escandalosamente, ao campo da *denúncia*. Até denunciante o miserável tonsurado!...

Denunciou para *captar* aquilo que só à freguesia pertence; denunciou para se *locupletar* à custa dos pobres, *desviando-lhes* uma propriedade que só a êles pertence e que só para êles foi comprada!!!

Estará êste proceder de comum acôrdo com a *moral religiosa*?

Serão, por ventura, êstes sacripantas os Filhos de Deus, os seus santos ministros, os representantes na Terra do «Meigo Nazareno, do Cristo do Thabor»? Ah! santo azorrague!

Que falta fazes nêstes tristes tempos de verdadeiro industrialismo clerical!...

E já que o malfadado «Ecos» faz cavalo de batalha por falta de cumprimento à clausula de cedência — a *criação do Asilo* — eu vou dizer-lhe a razão dessa falta para que não torne a levar babosices às suas *gloriosas e tradicionais* colunas.

— Em princípios de 1627, e depois de se ter liquidado a divida contraída com essa cedência, pretendia a Junta de então dar o devido incremento à criação do Asilo. Não convinha, porém, ao *Jesuita* essa atitude, visto que, uma vez o Asilo formado, êle já-mais se poderia agarrar a essa *taboa salvadora* — a *denúncia*. Salta para o altar, e de lá, com os impropérios mais desastrados, venenosos e peçonhentos, insulta os seus paroquianos chamando ladrões ou coisa muito parecida aos membros da Junta por não lhe fazerem entrega, dizia êle, do que lhe pertencia e que tinha sido roubado.

Como nada conseguisse por êste *baixo processo*, apesar de todos os terrores da excomunhão que propalou, *trata de exonerar a Junta e nomear outra* que só a êle obedecesse!!!

Conseguido isso, nomeia-se uma, composta de individuos que *mal sabiam escrever o seu nome e que só fizesse aquilo que manda o seu patrão*. Essa Junta, senhor do «Ecos», está no

poder há perto de 20 meses e tem alguns milhares de escudos no seu cofre!!

Pregunte-lhe agora, a ela, porque não dá cumprimento à clausula de cedência...

Se me perguntasse a mim, eu responder-lhe-ia: — *Porque o Jesuita não deixou, com o fim malévolo de conseguir inconspicivelmente elementos para o seu maquiavélico projecto*.

Serão, por ventura, estas as *«préclaras virtudes do bom e honrado sacerdote»*, ex-vigário de Azurem?

Que verdadeiro disfarce! Que mascara tão vilmente posta!

Será esta a sua *«cultura intelectual»*?

Coitado!... Já o disse Boileau e é bem certo: — *«Un sot trouve toujours un plus sot qui l'admire»*.

Para terminar, e unicamente para provar ao malévolo «Ecos» as suas *mentiras* e os seus baixos processos de defesa, digo-lhe:

Alcindo Dias Pereira não esteve na Junta nos anos de 1926-1927 como o «Ecos» tão gratuitamente o afirma, mas tão somente desde Janeiro de 1926 até à publicação do Decreto 11.875, «Diário do Governo» n.^o 160, 1.^a série. Repare o «Ecos» que entre *seis meses e dois anos* há uma diferença que se deve notar bem a *vista desarmada*.

Certamente por aí há falta de luz... e de *conhecimentos* e as coisas são vistas pelas lunetas fuscas da ignorância!...

Além disso havia ainda uma divida de 1.000.000, sendo, portanto, impossível promover êsse grande bem colectivo antes do seu total pagamento.

E com isto veja o «Ecos» quem *«desce às mais asquerosas baixezas»* e como *«se quebram os dentes aos caluniadores»*. Miseráveis! Tartufos!...

Continuarei, sem receio algum das *ameaças do jesuita*, com as *«Crônicas de viagem»*. Hei-de desmascarar êsse *«honrado sacerdote»* ex-vigário de Azurem e hoje, infelizmente, abade de Guardizela para eterna consumição desse paciente povo.

A. P.

P. S. — Depois de ter escrito esta resposta, chega-me às mãos, *gentilmente*, enviado pela redacção, o jornal «O Conquistador». A minha resposta a êsses *cavalleiros* é a que fica dada ao «Ecos de Guimarães». Deve-lhe servir, à maravilha, essa carapuça.

Pelo menos, assim o julgo.

A. P.

Escola de Francisco de Holanda

A nossa Escola Industrial e Comercial está de posse do magnifico motor ASEA, de grande força, que a C. A. da Junta Geral do Distrito de Braga, num gesto por todos os motivos digno dos maiores louvores, ofereceu a êste importante estabelecimento de ensino.

O nosso Procurador à Junta distrital, Ex.^{mo} Sr. Dr. Jesus Gonçalves, ilustrado Reitor do Liceu de «Martins Sarmento», foi incansável na obtenção daquela excelente máquina, tornando-se em face de tão generosa quão patriótica atitude, credor do reconhecimento de todos os Vimaraneses que amam a sua terra.

S. Ex.^a mostrou, como aliás não podia deixar de ser, que o seu critério não se amolda ao daqueles *bairristas* que entendem, numa lamentável estreiteza de vistas, que os estabelecimentos do Estado não devem ser auxiliados senão pelo próprio Estado.

Bomb. V. de Guimarães

Esteve em festa no passado dia 8 esta benemérita corporação, que tão valiosos serviços tem prestado à cidade, com a inauguração da Casa-Escola e do busto-monumento ao seu Ex.^{mo} Comandante Snr. Simão da Costa Guimarães.

A cerimónia do descerramento foi impressionante, tendo assistido todo o Corpo activo dos B. V. de Guimarães e diversas Corporações de Bombeiros com as suas bandeiras entre as quais as dos voluntários de Braga, Bracarenses, Santo Tirso, Felgueiras, Lixa, Mondim de Basto, Vizela, Taipas e Municipais de Braga e Vila Nova de Gaia.

De tarde realizou-se o anúncio do simulacro de incendio tendo os nossos bombeiros demonstrado as melhores qualidades de agilidade coragem e decisão no ataque e nos salvamentos de pessoas em perigo.

Por fim a continência final, foi de um belo efeito, tendo sido montadas 18 escadas à *crochet*, 1 *Magirus* e 1 de lanços *portuense*.

Tôdas as manobras fôram dirigidas pelo patrão da 1.^a Esquadra, Snr. Gaspar Lindoso, auxiliado pelo patrão Snr. Bastos e aspirantes Henrique Gomes e Manuel Joaquim.

Felicitemos a briosa corporação e o seu Ex.^{mo} Comandante e agradecemos o amável convite com que nos distinguiram.

Almirante Azevedo Gomes

Mais um valoroso republicano baixou ao túmulo.

O Sr. almirante Azevedo Gomes, foi ministro da marinha no Governo Provisório da República.

Oficial distintissimo, cidadão de relevantes virtudes e ardente fé, que à causa da República dedicou sempre os seus melhores esforços.

E' mais uma perda para a instituição Republicana.

Corvemo-nos respeitosamente ante o túmulo do illustre marinho.

João da Rocha Braga

Vitimado pela terrível doença a tuberculose faleceu no passado domingo, êste nosso presado amigo e dedicado correligionário, filho do conhecido mestre d'obras Snr. António da Rocha Braga, irmão do nosso bom amigo e colaborador Snr. David Braga, e cunhado do nosso estimado amigo e valioso correligionário Snr. António Pereira, hábil escrivão-notário em Ponte do Lima.

Os seus funerais realizados na segunda-feira, foram muito concorridos por pessoas de vária categorias sociais, constituindo uma verdadeira manifestação de pesar.

A' família enlutada, os nossos sentidos pêsames.

Ferro T para ramadas.

Arame alemão, garantido.

Não comprem sem confrontar preços na casa

PEDRO DE MOURA

Rua de D. João I.^o, 91.